

Educação, Trabalho e Evolução

A inclusão social como ferramenta de humanização

Victor Martinez

Copyright ©: Martinez, Victor

Este livro está registrado na Biblioteca Nacional. Todos os direitos estão reservados ao autor.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinez, Victor

Educação, Trabalho e Evolução – A inclusão social como ferramenta de humanização.

AGBook: São Paulo, 2020.

235 f.

1. Inclusão. 2. Educação. 3. Trabalho 4. Diversidade

CDD – 152.41

Supervisão e revisão ortográfica e técnica: Marta Pachiella Martinez

Editoração Eletrônica: Flávio Gonzalez

Foto e Capa: Victor Martinez

Agradecimentos

Agradeço à equipe de trabalho do setor de Reabilitação, Inclusão e Longevidade do Instituto Jô Clemente da qual faço parte há 9 anos e que, hoje, tenho orgulho e gratidão em liderar.

A minha família, em especial a meus pais, que me ensinaram os princípios do amor e da solidariedade, valores que dão base e impulsionam minha caminhada.

A minha companheira de caminhada Karine Estevam, com quem aprendo e pratico o ato de amar todos os dias de minha vida.

A todas as pessoas que passaram em minha vida e permitiram que eu fizesse os registros desse livro, em especial, às pessoas com deficiência. Ser parte desse movimento, e escrever um pouco que seja sobre essa luta de tempos, de épocas, é um grande privilégio.

“Todo ser é potência e a potencialidade de cada um se desenvolve na relação”

Baruch Spinoza

“Mais importante que saber qual deficiência tem uma pessoa, é entender que pessoa tem esta deficiência”

Lev semiónovic vygotski

Sumário

Prefácio	6
Introdução	11
Capítulo 1: Conhecer-se para ser - a valorização do autoconhecimento nas diferentes esferas da educação brasileira	18
Capítulo 2: Aspectos históricos e legislativos da Educação para o trabalho	50
Capítulo 3: Curso histórico da pessoa com deficiência com ênfase na deficiência intelectual	79
Capítulo 4: A inclusão profissional a partir da perspectiva do Emprego Apoiado	97
Capítulo 5: O papel da família como apoio no processo de inclusão	127
Capítulo 6: O processo de inclusão da pessoa com deficiência intelectual: uma abordagem psicopedagógica	157
Capítulo 7: A expressão das emoções nos animais e sua influência na construção da personalidade humana	198
Referências Bibliográficas	227

Prefácio

Em seu Fausto Sertanejo, “Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosa, este mestre inventor de mundos, nos diz, através de seu Riobaldo: “o senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior.” Coisa parecida nos dizia Paulo Freire, ao nos lembrar que somos seres inconclusos, sabedores de nossa inconclusão. Daí a nossa vocação maior, a vocação de ser mais, de ser-tão.

Este livro é sobre isto, sobre a potência de ser. O trabalho, isto nos ensinou Engels, nasce da intervenção de homens e mulheres no mundo, nasce do nosso fazer. Porém, uma vez transformado, é o mundo quem nos transforma, já não somos os mesmos, mas outros, evoluímos, o que exige de nós mais trabalho e com ele a educação, a criação, a nova intervenção, e o ciclo se repete. Aonde isto os levará? Qual o destino da humanidade

vindoura, se é que há um destino? Seja como for, embora haja retrocessos, percorre-se sempre a estrada, “assim caminha a humanidade”. Ninguém pode ser deixado para trás! Ninguém! Por mais que avancemos, por mais que conquistemos, qualquer forma de exclusão será sempre um sinal de miséria, sempre um traço de vulnerabilidade da nossa civilização e, sobretudo, um atestado de, se temos evoluído, permanecemos, em muitos âmbitos da vida, tão primitivos como os nossos ancestrais primatas. É preciso incluir, é preciso que todos façam parte, pois o contrário sugere um egoísmo que se contenta apenas consigo mesmo, que ignora justamente aqueles que, por ordem de prioridade, deveriam ser os primeiros, não os últimos como são.

O autor deste livro, Victor Martinez, tem sido incansável artesão neste ofício do ser-mais. Tem dedicado toda a sua vida ao esforço de incluir, seja através do trabalho, seja através da educação, acreditando no potencial das pessoas, de todos, sobretudo daqueles aos quais a sociedade tem, inconsequentemente, negado o

direito à própria vocação e com isto ao próprio viver. Para estes, não raras vezes, tamanhas são as barreiras, que se entregam, descrentes, a uma “trágica desistência de ser”. Seu trabalho, nascido da prática, do estar-com as pessoas, do convencê-las a não desistir, e seguir com elas ao *front*, tem dado frutos, tem vencido obstáculos geográficos, culturais e, sobretudo, a maior de todas as distâncias, aquela que nos separa dos nossos próprios semelhantes. Ele faz isto não só como profissional, mas também como voluntário, como ser político, como aquele que, mais de uma vez, abriu as portas da sua própria casa.

O texto que ora você tem em suas mãos, nasce, portanto, da prática e a partir dela. Biólogo, pedagogo, psicopedagogo, educador, artista, Victor vem fazendo o seu caminho, e seus textos são como mapas, fios de Ariadne que nos levam por este intrincado labirinto da inclusão social. Leva, pois, a marca de quem fez, de quem faz, e, somente depois de fazer, refletiu à sua maneira, integrando saberes acumulados através do estudo. Não existem receitas prontas, cada situação é única, assim

como cada pessoa e cada contexto. Mas, é certo que os caminhos alheios, sejam de acertos ou desacertos, nos ajudam a melhor caminhar, a caminhar mais seguros. Foi assim, por exemplo, que nosso navegador Amyr Klink teve êxito em todas as suas expedições. Ele leu os diários dos que o precederam, ouviu suas histórias, estudou suas rotas. Assim, as páginas à seguir não foram compiladas deste ou daquele livro apenas, elas sintetizam o esforço de alguém, suas rotas, são carregadas de vitórias, de fracassos, de alegrias e tristezas, embora tudo isto possa apenas estar subentendido. Nunca sabemos o que ensina mais em um texto, se aquilo que foi dito ou aquilo que não foi, isto fica em aberto. Mas é sempre bom saber, quando lemos algum livro, que a vida do seu autor impregna cada página. Nietzsche dizia: “de tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que sangue é espírito.” (“Assim falou Zaratustra”). Este é um destes escritos. Espero que ele possa inspirar-nos a todos, pois incluir não é tarefa de um único homem. Às vezes

perguntamos à vida: o que será que ela nos reserva? Ela, no entanto, nos contempla paciente e responde: eu é que pergunto – o que é que vocês farão de mim? Incluir é um fazer de todos, no fundo é a própria vocação de ser-mais, pois ninguém há de ser, sozinho.

Boa leitura!

Flávio Gonzalez

Psicólogo, mestre em aconselhamento
Executivo social do Instituto Jô Clemente

Introdução

Me lembro que acordei em uma manhã nublada e pensei, por que não escrever um livro contendo e contando as experiências bibliográficas e práticas que me fizeram crer que a inclusão é o caminho? Em seguida refleti: Caminho para quê? Para quem? Para onde? Parte destas perguntas tento responder nas páginas que formam este livro, o que posso adiantar é que a inclusão é sempre para todos, sem exceção, principalmente para os mais vulneráveis.

No princípio da escrita, achei um pouco de pretensão da minha parte, querer escrever um livro contando as minhas experiências e o meu ponto de vista sobre tudo que vivi no campo da inclusão e da diversidade. Resolvi então recorrer a alguns livros-chave que adotei como “gurus literários”, para quando tenho dúvidas existenciais sobre atitudes que devo ou não tomar. Recorri a obra “Água viva” da magnífica Clarice

Lispector, e encontrei a resposta que procurava. Diz a autora: “O que estou te escrevendo não é para se ler – é para se ser.” Ao ler este pequeno trecho escrito por Clarice, tive certeza de que o impulso que me conduzia à escrita deste livro estava no campo do Ser, mais que do ler.

Resolvi organizar o conteúdo e, há princípio, surgiram algumas dificuldades. Ao resgatar artigos, escritos e memórias de diferentes épocas onde atuei e atuo em meu campo de trabalho, percebi o aparecimento de contradições escritas por mim mesmo à época. O que era problema, tornou-se demanda e conteúdo para uma excelente autoanálise profissional e pessoal, trazendo ao final da escrita, uma sensação de alívio em perceber que, em 15 anos de atuação no setor da educação e da inclusão profissional, me permiti ser muitos, ora intenso de mais, ora de menos, mudando e aprendendo conforme o tempo e o espaço dos erros e dos acertos que consegui observar.

O título de nome complexo contido no livro simboliza, de certa forma, a necessidade em tentar

correlacionar assuntos que, aos olhos do mundo, parecem estar separados, mas que, em minha prática, luto para uní-los.

O primeiro capítulo intencionalmente explana a necessidade em se construir um processo educativo nos âmbitos formal, não formal e informal, que valorize o autoconhecimento, pois, somente desta forma, é possível constituir uma sociedade que prime pelos valores humanos. Ninguém é capaz de desenvolver comportamentos mais humanizados, sem antes, conhecer o humano que habita em si.

Seguindo a lógica da expectativa elaborada pelos tecidos sociais atuais, a experiência em educar-se deve proporcionar ao indivíduo que ele se torne produtivo, cumprindo o seu papel de trabalho, de objeto de encaixe no processo sócio-histórico que compõe o meio onde vive.

Para um melhor entendimento do que se espera em relação ao desenvolvimento deste papel profissional, é trazido, no segundo capítulo, um breve histórico em relação às leis que embasam a formação da educação para

o trabalho, desenvolvidas e aplicadas desde o Brasil pré-republicano até os tempos atuais.

Com o entendimento dos princípios que constituem as relações entre a formação da educação para o trabalho no Brasil, é inserido, no terceiro capítulo, o ator mais excluído desse processo. É mostrado que a pessoa com deficiência intelectual foi e continua sendo o grupo mais excluído em relação ao acesso à educação para o trabalho.

O censo apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2018 mostra que, no ensino médio, mais de 50% dos alunos com deficiência matriculados são pessoas com deficiência intelectual. No entanto, quando buscamos informações no índice de Relação Anual de informações Sociais (RAIS), a respeito da empregabilidade de pessoas com deficiência, seja qual ano for, vemos que as pessoas com deficiência intelectual são as que apresentam menor índice de inclusão profissional.

Com base nas informações trazidas no terceiro capítulo, é possível notar que houve ganhos históricos em

relação à inclusão profissional e social das pessoas com deficiência. Contudo, ainda há muito o que fazer, principalmente em relação à qualidade na qual são desenvolvidos esses processos inclusivos. No intuito de nortear estas práticas, é apresentado, no quarto capítulo deste livro, os princípios biográficos e empíricos da metodologia do Emprego Apoiado. Esta que é uma tecnologia social mundialmente conhecida e praticada se apresenta como uma excelente alternativa na inclusão profissional de pessoas em vulnerabilidade.

O termo Emprego Apoiado traz em seu nome a importância e o valor de quem apoia a pessoa com deficiência no seu processo de inclusão. Por esse motivo, o capítulo 5 deste livro é inteiramente dedicado ao papel da família no processo de inclusão das pessoas com deficiência. Para além do conceito tradicional de família sonhada, é apresentado um estudo de caso biográfico e prático, desenvolvido de forma grupal por uma equipe de profissionais que atende às pessoas com deficiência intelectual e suas famílias.

Após a análise dos aspectos que envolvem o histórico social da educação para o trabalho, do histórico e das condições relacionadas às pessoas com deficiência e suas famílias, senti a necessidade em ter um capítulo dedicado ao papel desenvolvido pelos profissionais que atuam no apoio às pessoas com deficiência.

Por este motivo, o penúltimo capítulo deste livro traz a experiência que desenvolvi como psicopedagogo junto a uma criança com síndrome de down. Nele é demonstrado que para além do diagnóstico dado ao atendido, está o olhar para a descoberta do seu desejo quanto indivíduo, e da necessidade em desenvolver os apoios que ele precisa para melhorar sua qualidade de vida.

O livro se encerra com a discussão da última palavra contida no título principal, Evolução. Este tema é deixado para o final, pelo simples motivo de que ele nunca se encerra, é o que dá a condição futura de indivíduo à espécie humana. A vida é um constante processo de educação, trabalho, transformação e evolução,

ainda que tenhamos o desejo de que alguns momentos sejam para sempre preservados em Eros, a transformação biológica e temporal da vida é finita, é inevitavelmente Tânsito.

“Quase todo mundo afirma que a beleza visível resulta da simetria das partes, umas em relação às outras e em relação ao conjunto. Há uma beleza anterior a essa? Certas coisas, como as formas materiais, são belas não devido à sua própria substância, mas por participação.”

Plotino
Tratado das ENÉADAS

Capítulo 1

Conhecer-se para ser

A valorização do autoconhecimento nas diferentes esferas da educação brasileira

“Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria”.

Ailton Krenak
Ideias para adiar o fim do mundo

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem o intuito de discutir os principais aspectos que fazem um modelo educacional, formal, não formal ou informal, ser ou não um objeto construtivo, que estimule a diversidade de ideias e ações na sociedade em que permeia. Referências filosóficas e psicanalíticas são trazidas como norte à prática educacional inclusiva com o intuito de despertar em cada educando e educador as críticas e reflexões necessárias para a vivência de um projeto social pedagógico que estimule a autoconstrução dos participantes. As ideias discutidas neste texto têm o intuito de trazer ao leitor uma sensação de inquietude, fazendo com que busque em si mesmo as respostas das dúvidas surgidas no estudo, resgatando e questionando a forma na qual recebe e transfere seus conteúdos diariamente. O objetivo é permitir que o leitor reflita e analise a forma na qual historicamente foram estruturadas as bases educacionais da sociedade brasileira, e pense para além de suas crenças e pré-conceitos, levando-o a buscar

saídas que possibilitem a construção de uma educação que leve em conta o desejo e a razão presente em cada educando. O estímulo à expansão do autoconhecimento nos espaços de educação formal, não formal e informal resulta no amadurecimento e na compreensão dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, levando-os a questionar pseudo-verdades que lhe são impostas. Tais reflexões auxiliam os participantes a construir e desenvolver o seu papel quanto *Ser*, na razão de existir, de transformar, de participar ativamente da causa existencial na qual estão submetidos neste planeta. Esta concepção de busca pela integralidade do ser foi nomeada por Carl Gustav Jung de processo de individuação. Neste processo, cada indivíduo se torna capaz de conhecer e trabalhar ao máximo sua zona consciente e inconsciente, por meio da relação entre seu ego e *self*, reconhecendo em completude as características que o compõem por inteiro. Autoconhecer-se é o primeiro ponto do desenvolvimento do ser, o segundo é a busca por sentido no caminho a ser escolhido. Neste aspecto, é

trazido no texto o conhecimento da Logoterapia, criada por Viktor Frankl, ela auxilia na busca por sentido e significado ao desejo de cada pessoa em seu processo de autoconstrução, resultando em um melhor entendimento dos aspectos ligados à razão e à emoção. Este estudo ressalta a importância em construir uma concepção educacional que estimule a busca de cada pessoa ao ato de individuar-se de forma significativa, colaborando com a construção de uma sociedade mais coletiva, tolerante a diversa.

Educação Informal, Formal e Não formal

A palavra educação, derivada etimologicamente do latim *educare*, significa conduzir para fora, extrair. A partir deste conceito, é possível afirmar que, para se extrair algo de um local e encaminhá-lo a outro, é preferível que se conheça tal conteúdo e que o autor saiba para onde o está encaminhando.

Diversas são as formas de educar e de ser educado, o fato é que, somente a partir do outro, da construção de um sujeito diferente de nós mesmos, é possível a troca de informações que temos com o mundo, é possível que haja o ato de educar e ser educado. Mesmo quando a educação não ocorre de forma pessoal e direta, como no caso da leitura de um livro, ou na observação de uma obra de arte, há sempre um ser criador responsável pelo conteúdo que ocupa a função de objeto educativo, que, mesmo sem intenção, atinge o outro ser que, na função de educando, ocupa o papel de observador e receptor do conhecimento transmitido.

Historicamente o surgimento da educação está atrelado ao descobrimento da escrita, 13.000 a.C. na Mesopotâmia, por meio dos primeiros registros de símbolos esboçados em cavernas e esconderijos (Costa e Rauber, 2009). Neste momento histórico, inicia-se a possibilidade do ser humano de transmitir e registrar suas crenças, seus valores éticos e morais. Essa transmissão de conhecimento espontâneo, sem necessidade de

formalidades ou metodos específicos, em sua construção e transmissão, é chamada atualmente de educação informal.

Ainda hoje, é possível observar a influência direta desta forma de educação, os ensinamentos obtidos pela família, por amigos, instituições religiosas, e, até mesmo, o conhecimento obtido nas ruas, são consideradas maneiras informais de educação. É importante salientar que toda e qualquer experiência de troca de informações realizada fora de um espaço reconhecido pelo Estado brasileiro como instituição educativa formal ou não formal, é considerado uma experiência de educação informal.

No livro *Amazônia: cultura e sociedade*, o autor Djalma Batista demonstra que, antes da invasão portuguesa, as tribos indígenas da região norte do país já possuíam uma sofisticada forma de organização e transmissão de seus conhecimentos e saberes. No entanto, com a invasão dos portugueses, ocorrida em 1500, muitas tribos da região foram dizimadas, e outras reduzidas à necessidade econômica do colonialismo português. Desta forma, grande parte da concepção educacional indígena